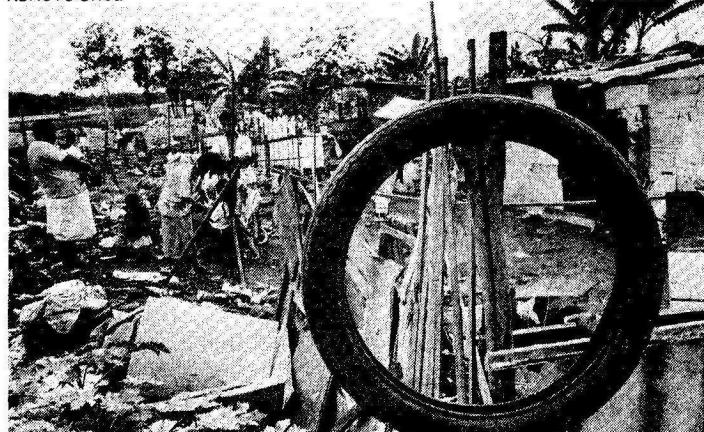


24 SET 1987

Sem controle, favela do SLU cresce mais

CORREIO BRAZILIENSE

ADAUTO CRUZ



A falta de controle pelo GDF, aliada ao desinteresse dos moradores da favela do SLU, na 615 Sul, é a causa principal de seu crescimento. A cada dia novos barracos são levantados, com a fiscalização preferindo atribuir o aparecimento de moradias a ciganos, "que ficam por pouco tempo". Os favelados dizem que o Plano Piloto é "o único lugar onde o pobre ainda pode morar".

A medida em que a favela cresce é maior a prosperidade dos depósitos de compra e venda de papel, metais e garrafas. A maioria dos favelados vive disso, ou da venda de "borós" — larva dos insetos que se criam nas lixeiras — usados por pescadores como isca. O Centro de Desenvolvimento Social, vizinho à favela, em nada interfere e não tem noção do que ocorre.

ASSOCIAÇÃO

A vida na favela da 615 onde há cerca de um ano uma criança foi quase debochada pelos ratos que vivem nas lixeiras, como a maioria dos aglomerados de população miserável — gira em torno dos depósitos de material reciclável. E constante o movimento de carros e caminhões descarregando ou recebendo material. Vizinha a cada casa existe área cercada para guarda de papéis, garrafas e ferro velho. Muitos favelados dispõem de condução própria — carros e caminhonetes — para fazer a coleta e entrega. A maioria, contudo, utiliza carinhos de mão. Os compradores vão ao local. O preço varia de acordo com a qualidade do material e famílias inteiras podem ser vistas na faina de separar o lixo catado do material nos edifícios próximos à favela.

Os favelados tentaram se organizar em associação, mas em situação normal o interesse por ela era mínimo. Só se movimentavam quando surgiam boatos de remoção, com cada um querendo que seu barraco fosse "marcado" para receber casa em outro local, desde que não fosse distante. A intenção é não ter "o serviço prejudicado".

O presidente eleito para a Associação, Geovah Marques Feitosa, deixou a favela e foi morar na Guariroba, na Quadra 8, con-

Na 614 Sul, a invasão fica a cada dia mais movimentada

junto L c/ 46, passando seu barraco para outro. Sua cunhada Eliete Alves dos Reis assumiu o cargo, mas segundo diz, pouco pode fazer já que "ninguém colabora".

Eliete diz que não tem noção de quantos barracos compõem a favela, já que "a cada dia chega mais gente". Estimativa feita na época em que Geovah era o presidente da Associação apontava 120 barracos. A primeira moradora da favela se instalou há 14 anos. E Aparecida Gonçalves da Silva, mineira de Bambui que diz ter 26 anos em Brasília. Criou seus oito filhos na favela e todos continuam morando lá. O filho Wilson, 37 anos, trabalha na venda de ferro velho. Outro filho, Gilberto, 24 anos, explora a venda de garrafas. Aparecida cata papel com ajuda de uma filha e dos netos.

Entre os novos moradores está Aulerina Francisca de Araújo, mãe de Edson José, 21 anos, Odair José, 14, Valdirene, 16, e Marlene, 14 anos. Deles só Marilene não mora na favela. Ficou na Cidade Ocidental "onde faz um curso". Aulerina já viveu antes na favela do Aterro mas decidiu mudar-se para a Cidade Ocidental, indo depois trabalhar numa fazenda na Saia Velha. Não se adaptou e resolveu voltar para o Aterro, onde de "é melhor para o pobre viver". Montou seu barraco há dois meses e agora trata de ampliá-lo. Até agora, segundo

ela, nenhum fiscal da Terracap a incomodou.

Na mesma situação está Pedro Santana, pai de três crianças. Trabalhava em uma fazenda próxima a Alexânia para um dos proprietários do Supermercados Bem Bom, de nome Deocleciano. A fazenda foi vendida e Pedro perdeu o emprego, pois o novo proprietário "levou gente de sua confiança". Decidiu então vir para Brasília instalando-se na 615 Sul. Donizete Reis Amaral, fiscal do SLU, assiste de tempos em tempos a chegada de novas famílias. Não interfere pois sua função é controlar os caminhões que despejam entulho no local, formando o aterro. E do tempo em que a área era "um brejo só".

CIGANOS

Barracas toscas, construídas com talos de mamona e cobertas de plástico formam um acampamento de ciganos, que acompanha o crescimento dos barracos de madeira. Um dos grupos de ciganos tem Maria Durães, 78 anos, como chefe do clã. Seu neto Alduine, 20 anos, sofre das faculdades mentais e a família resolveu trazê-lo de Bonfinópolis (MG) para tratá-lo em Brasília. Com Maria vieram seus outros filhos Gaspar, casado com Sefi da Silva Moura, Claudinei e Atelicio. Além deles estão ainda divididos em quatro barracos uma cunhada de Gaspar, Suleide, a mãe Aniza e mais 12 crianças. A família chegou há quatro dias.